

**Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Uma discussão acerca da educação e as influências medievais no “Ensaio sobre a moral e os costumes”, de Voltaire.**

Djaci Pereira Leal<sup>1</sup>  
Terezinha Oliveira

**Resumo:** Discutir na obra de Voltaire, “*Ensaio sobre a moral e os costumes*”, as influências medievais e os possíveis apontamentos para a educação, tendo em vista a busca de orientação e formação do homem do século XVIII. Considera-se que Voltaire em sua análise histórica na referida obra, dedica-se a identificar as permanências medievais na sociedade francesa de seu tempo. Em sua abordagem da história demonstra a necessidade de enfrentamento dos resquícios medievos para que seja possível a construção e o desenvolvimento de um novo homem, apto aos novos tempos que se vislumbram. Nesse sentido, faz uma leitura acurada das instituições Igreja e Estado.

**Palavras Chave:** Educação, História, Voltaire, Idade Média.

**Abstract:** To discuss in Voltaire’s masterpiece, “*Essay on the moral and the customs of the peoples*”, the medieval influence and possibles drafts to education, it searches the orientation and construction of the man in century XVIII. Considering Voltaire in his historic analyze in masterpiece mentioned, it is dedicated to identify the medievals permanents in French society in his time. In his approach of history shows the necessity of facing of medievals traces to be possible the construction and the development of a new man, the capable man to new time that grimpes. Is this sense is done an accurate reading about Church and State institutions.

**Key- Words:** Education, History, Voltaire, Medieval Age.

Este estudo da obra *Ensaio sobre a moral e os costumes* tem como objetivo apresentar a leitura histórica que Voltaire faz do passado francês, tendo em vista combater a intolerância praticada em seus dias por duas instituições, que a seu ver estavam em desarmonia, a saber: a Igreja e o Estado. Ao discutir os conflitos e o clima de intolerância, Voltaire recorre à história apontando como determinadas circunstâncias alteraram os valores das instituições em tela.

Voltaire na Introdução do *Ensaio sobre a moral e os costumes*, nas *Questões sobre as conquistas dos romanos e sua decadência*, discorda de Bossuet que em sua obra *História Universal*, interpreta as revoluções pelas quais passaram todos os impérios como uma regra que a Providência Divina utilizou-se para humilhar os príncipes. A decadência dos impérios serviu para demonstrar a ação da Providência Divina a favor do povo eleito.<sup>2</sup>

Voltaire procura em sua análise sobre o Império Romano apresentar o que pensa ser a maior contribuição dos romanos a ser retomada como virtude: a tolerância. A tolerância

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação – PPE / UEM. Trabalho orientado pela professora Dra. Terezinha Oliveira.

<sup>2</sup> « Ces empires ont, pour la plupart, une liaison nécessaire avec l’histoire du peuple de Dieu ». (BOSSUET apud VOLTAIRE, 1878, p. 45)

não se restringe apenas ao aspecto religioso. Perpassa o conjunto das relações sociais assumindo assim um caráter político. Por isso, para Voltaire, a tolerância possui um caráter notadamente educativo. Entre os romanos a tolerância esteve presente na religião,<sup>3</sup> mas, como destaca Voltaire, extrapola a religião e perpassa o todo da sociedade romana, sobretudo pelo fato de os romanos terem adotado os deuses gregos e a idéia de um Deus Supremo.<sup>4</sup> Para Voltaire a tolerância é uma lei da própria religião natural já que “car de quel droit um être crée libre pourrait-il forcer um autre être a penser comme lui?” (VOLTAIRE, 1867, p. 45).

Ao discutir a decadência do império, tem em vista a própria lógica imperial, os desgastes e desvios de suas instituições. Devido aos diversos interesses das instituições não é possível atribuir a decadência do império a uma delas especificamente. Procura entender como em momentos que antecederam a decadência fora possível a convivência harmônica, ou pelo menos equilibrada entre elas. A preocupação de Voltaire a esse respeito se dá em função da situação de desarmonia nas instituições francesas no século XVIII. Para ele, a decadência do Império Romano é uma crise generalizada que se dá na forma de ser do império e pelo formato de suas instituições.<sup>5</sup>

Este enfoque de Voltaire elucida o que entendemos ser a abordagem que faz da educação, pois a concebe como elemento formador que precede as instituições. Por isso, é imprescindível, ao discutir a educação na obra de Voltaire, atentar para sua preocupação com a tolerância como elemento formador do ser humano apto a conviver em sociedade.

Maria das Graças de Souza, citando Paul Hazard, afirma que:

*três correntes conduziam o ‘assalto à história’: o cartesianismo, o jansenismo e os libertinos. Por razões diferentes, estas correntes viam na história um conhecimento incerto, cheio de lisonjas aos poderosos, adulações aos mecenas, genealogias infundadas. (2001, p. 119)*

É nesse contexto que Voltaire pautou sua investigação histórica, em função de seu objetivo, entender como em outros momentos as instituições mantiveram uma relação de poder equilibrada e contribuíram para a construção do bem comum. Percebe-se que nas

---

<sup>3</sup> « J’observerai ici sur leur religion deux choses importantes : c’est qu’ils adoptèrent ou permirent les cultes de tous les autres peuples, à l’exemple des Grecs, et qu’au fond, le sénat et les empereurs reconnurent toujours un Dieu suprême, ainsi que la plupart des philosophes et des poètes de la Grèce ». (VOLTAIRE, 1867, p. 45)

<sup>4</sup> « Cette association de toutes les divinités du monde, cette espèce d’hospitalité divine, fut le droit des gens toute l’antiquité, excepté peut-être chez on ou deux petits peuples. Comme il n’y eut point de dogmes, il n’y eut point de guerres de religion. C’était bien assez que l’ambition, la rapine, versassent le sang humain, sans que la religion achevât d’exterminer le monde ». (VOLTAIRE, 1878, p. 45)

<sup>5</sup> « La faiblesse des empereurs, les factions de leurs ministres et de leurs eunuques, la haine que l’ancienne religion de l’empire portait à la nouvelle, les querelles sanlantes élevées dans le christianisme, les disputes théologiques substituées au maniement des armes, et la mollesse à valeur ; des multitudes de moines remplaçant les agriculteurs et les soldats, tour appelait ces mêmes Barbares qui n’avaient pu vaincre la république guerrière, et qui accablèrent Rome languissante, sous de empereurs cruels, efféminés et dévots ». (VOLTAIRE, 1878, p. 46)

abordagens historiográficas de outros autores ao analisar o passado buscavam justificar posições políticas e por isso incorreram em atribuir e responsabilizar os desvios a uma ou outra instituição do presente. Isto, ao ver de Voltaire, gera a desarmonia entre as instituições e acentua ainda mais os conflitos em prejuízo ao desenvolvimento da sociedade.

A respeito do trabalho e enfoque desenvolvido por Voltaire, destaca Lepape:

*Civilização' era uma palavra desconhecida de Voltaire, mas toda a sua obra se inscreve na perspectiva de uma história da humanidade, em que o homem, com seu trabalho, com sua arte, vence pouco a pouco, apesar das rupturas e dos recuos, a barbárie natural, inclusive a da própria natureza. Há séculos para o gênio, para a criação, para a cultura, como o de Luis XIV, que são seguidos de séculos decadentes – como aquele em que vivia Voltaire – em que a cultura, espalhando-se e liquefazendo-se, vai penetrando na sociedade inteira, civilizand-a. (1995, p. 259)*

Em sua abordagem das sociedades evita analisar o seu desenvolvimento de forma linear. Demonstra como em uma mesma sociedade ocorrem momentos de maior e menor desenvolvimento, momentos de luzes e de barbárie. É neste sentido que afirmamos que discute com outros enfoques e análises históricas de seu tempo.<sup>6</sup>

Em seu livro *Voltaire historiador*, Marcos Antonio Lopes dedica um capítulo no qual discute o diálogo de Voltaire com a obra de Bossuet. Voltaire entende que de todas as demais obras que circulavam era a deste autor a que de fato tinha importância e com a qual precisava dialogar e discutir, sobretudo para pontuar a função da Igreja e sua relação com o Estado.

Ao destacar por que estudar Voltaire e Bossuet, afirma Lopes:

*É preciso reafirmar ainda uma vez: o que nos ocupa nesses dois autores não é a problemática filosófica de suas obras, mas os textos escritos no espírito de historiador, com a intenção precípua de demonstrar o que Voltaire representa tanto para a historiografia do seu tempo quanto para o pensamento histórico que veio depois dele. Dessa perspectiva, Bossuet é tomado como o paradigma de um século, o ponto culminante que nos permite entrever as principais regras do conhecimento histórico fixadas no antigo Regime. Apesar de pertencer aos círculos eclesiásticos e fazer a história ao gênero *magistra vitae*, Bossuet não incorre inocentemente nas convicções da maior parte dos historiadores de seu tempo e das gerações anteriores ao século XVII. (2001, p. 55)*

---

<sup>6</sup> « Je me propose de diviser mon étude para siècle ; mas je sens qu'en ne présentant à mon esprit que ce qui se fait précisément dans le siècle que j'aurai sous les yeux, je serai obligé le trop partager mon attention, de séparer en trop de parties les idées suivies que je veux me faire, d'abandonner la recherche d'une nation, ou d'un art, ou d'une révolution, pour ne la reprendre que longtemps après. Je remonterai donc quelquefois à la source éloignée d'un art, d'une coutume importante, d'une loi, d'une révolution. J'anticiperai quelquefois, mais le moins que je pourrai, et en évitant, autant que una faiblesse me le permettra, la confusion et la dispersion des idées. Je tâcherai de présenter à mon esprit une peinture fidèle de ce qui mérite d'être connu dans l'univers ». (VOLTAIRE, 1878, p. 49)

Voltaire retoma da obra de Bossuet, *História Universal*, as teses que a seu ver legitimavam o poder e as relações de poder entre a Igreja e o Estado. Segundo Voltaire, a obra de Bossuet fundamentava as instituições que, devido às mudanças ocorridas na França, estavam em desarmonia e geravam a situação de crise e conflitos que abalava a França de sua época.

Voltaire é cuidadoso em sua análise histórica, pois sabe que não se trata apenas de combater uma ou outra instituição, bem como que não é o caso de extinguir esta ou aquela, mas sim retomar a finalidade da mesma para que possa contribuir com o desenvolvimento da sociedade. A finalidade educativa que pensa ser da religião é a formação moral do homem. A importância que Voltaire atribui à religião se dá em razão do aperfeiçoamento moral que leva a harmonia da convivência social, sobretudo devido ao desenvolvimento das virtudes. É sob essa ótica que procura discutir a função da educação como formadora dos novos valores e virtudes, que tornarão os homens aptos aos novos tempos que se apresentam.

A respeito da discussão de Voltaire com obras e autores de sua época, alerta Lepape a preocupação que tem para com as fontes. Diz Lepape:

*Voltaire escrevia de modo agradável, para ser lido por alguns milhares de pessoas inteligentes e curiosas, mas seus escritos levavam em conta a grande expansão do conhecimento registrada ao longo dos últimos cem anos, e devida, em muitos casos, a trabalhos de erudição empreendidos por eclesiásticos: beneditinos de Saint-Maur, jansenistas de Port-Royal, pastores de Leyde ou missionários sinólogos da Companhia de Jesus. O melhor de suas fontes provinha dos adversários. Quando eles o atacavam, era raro que Voltaire não dispusesse de algumas citações extraídas das melhores obras existentes na área dos atacantes, com as quais punha abaixo os argumentos deles. E esse era um daqueles jogos que encantavam o público. (1995, p. 246)*

Em relação às virtudes apregoadas, destaca Lopes:

*Voltaire aprecia indivíduos de virtudes principescas como a coragem. Em seu Ensaio sobre os costumes, vai destacar a ação dos príncipes por mérito, que, mesmo sem cingirem coroa, já se mostravam muito dignos dela. Na barbárie em que se transformou a Europa, no contexto das invasões do século IX, o autor vai encontrar a figura de Eudes, conde de Paris, um príncipe que se elevou ao trono unicamente por seu próprio valor. Num tempo marcado pela violência e todo o cortejo de vilezas que caracterizam a Idade Média, Voltaire irá realçar a coragem de Eudes, o salvador de uma cidade e de um reino. Voltaire também reconhece o mérito de reis bárbaros como Rolon e Eric. O primeiro, por ter fixado seu povo na Normandia, o que fez dele um rei civilizador. Em Eric ressalta seu talento de legislador, uma vez que os verdadeiros conquistadores são os que sabem fazer leis. (2004, p. 106)*

É importante destacar que as virtudes exigidas aos governantes não o são de forma absoluta, mas sempre no contexto no qual governam. Voltaire percebe que as virtudes não são absolutas e que é preciso ao governante o entendimento de sua época e sociedade. Pois o que é virtude em momentos de expansão e conquista, por exemplo, não o é quando a

sociedade está constituída. Pode-se perceber que Voltaire discute com seus contemporâneos a necessidade de novas virtudes ao governante, haja vista, serem novos tempos.

Assim, ao discutir as virtudes do governante, Voltaire põe em pauta o comportamento dos governantes de sua época, que a seu ver não podem simplesmente reproduzir o que fizeram seus antecessores, pois as mudanças em curso na França exigem-lhes novo posicionamento e, sobretudo, esclarecimento para: primeiro, perceber a sociedade e seus conflitos e, segundo, agir em conformidade com os problemas que realmente interferem na vida de seus contemporâneos.

Por exemplo, ao interpretar o governo de Luís IX, procura fazê-lo em seu contexto, com as possibilidades e problemas enfrentados por ele. Voltaire tem o cuidado de não avaliá-lo a partir das circunstâncias e possibilidades da França setecentista. Diz Voltaire:

*Luis IX parecia um príncipe a reformar a Europa, se isso tivesse sido possível; a tornar a França gloriosa e administrada, e a ser em tudo o modelo dos homens. Sua piedade, que era a de um anacoreta, não o impedia de possuir nenhuma das virtudes de rei. (...) Ele soube conciliar uma política profunda com uma justiça exata, e talvez tenha sido o único soberano a merecer este elogio (...). Se o furor das cruzadas e a crença nos juramentos houvessem permitido ao virtuoso soberano escutar a razão, não somente ele teria visto o mal que fazia ao seu país, como ainda a injustiça extrema de tal empreendimento, que lhe parecia justo. (VOLTAIRE, apud LOPES, 2004, p. 106-107).*

Usa também o mesmo parâmetro para interpretar o governo de Felipe, o Belo.<sup>7</sup> Ao fazer tais interpretações, Voltaire cuida em primeiro do seu objetivo, entender como em outros momentos as instituições mantiveram uma relação de poder equilibrada e contribuíram para a construção do bem comum. Depois, em função do momento em que está escrevendo, tem o cuidado de não engrandecer ou diminuir esta ou aquela instituição, mas demonstrar a possibilidade da convivência harmônica entre elas, pois a ausência disto é o que tem gerado os conflitos e a decadência da própria França.

Para Voltaire a educação determina a formação das instituições sociais é, por isso, que em sua discussão a tolerância ganha importância. Como destaca Souza

*Voltaire estabelece uma determinação recíproca entre o desenvolvimento comercial e o fortalecimento da liberdade de um povo. (...) é certo que um comércio florescente enriquece o país, mas o importante é que um povo de comerciantes é levado a relativizar as particularidades nacionais, o que leva ao espírito de tolerância e a uma consideração universalista ou cosmopolita da diversidade dos povos e costumes. (2001, p. 98-99)*

<sup>7</sup> « Le temps de Philippe Le Bel , qui commença son règne en 1285 fut une grande époque en France, par l'admission du tiers état aux assemblées de la nation, par l'institution des tribunaux suprêmes nommés parlements, par la première érection d' une nouvelle pairie faite en faveur du duc de Bretagne, par l'abolition des duels en matière civile, par la loi des appanages restraints aux seuls héritiers mâles. Nous nous arrêterons à présent à deux autres objets, aux querelles de Philippe Le Bel avec le pape Boniface Viii et à l'extinction de l'ordre des templiers ». (VOLTAIRE, 1878, p. 144)

As conclusões de Maria das Graças de Souza fundamentam-se na Carta XV, da obra *Cartas Filosóficas*, de 1733, época do exílio de Voltaire na Inglaterra. Voltaire utiliza-se do exílio na Inglaterra para demonstrar as diferenças em relação à França. A obra assume um caráter crítico ao apresentar a situação política e religiosa inglesa e evidenciar os problemas enfrentados pela sociedade francesa. Porém, as mudanças políticas, religiosas e econômicas que Voltaire elogiara na Inglaterra só ocorrerão na França a partir de algumas medidas tomadas pelo então Ministro das Finanças, Turgot, quatro décadas mais tarde, em 1774.

As medidas tomadas por Turgot, no Ministério das Finanças despertaram reações contestatórias e pedidos de afastamento de Turgot do ministério. Na época, Voltaire toma partido nas disputas econômicas e sai em defesa de Turgot, que enfrentava tremendas dificuldades no contexto de disputas políticas e fragilidade da economia francesa. Segundo Lepape, “Voltaire enumerava as quatro ‘canalhas’ que se opunham ao progresso: a Igreja, os parlamentares, os coletores-gerais de impostos e finalmente o povo” (2001, p. 275)

É importante destacar que enquanto nas *Cartas Filosóficas* Voltaire pregava as reformas, em 1774-1775, quando sai em defesa de Turgot, é a França que se depara com as reformas econômicas, outrora sugeridas a partir do olhar de Voltaire à Inglaterra. Agora, em 1774-1775, é o impacto das mudanças e a reação da sociedade francesa às novidades econômicas que se apresentavam.

A situação de mudanças e os enfrentamentos políticos em relação aos rumos tomados pelo governo francês, que ao ver de Voltaire eram orientados pelo esclarecimento, despertou sua preocupação com a formação dos indivíduos entendendo que somente a educação daria conta de formar a nova sociedade, que em tese seria a superação de todos os desvios da sociedade francesa de sua época. No conto *Jeannot e Colin*, Voltaire apresenta a necessidade da formação de homens aptos aos novos tempos. É preciso uma formação que supere os desvios morais que marcavam o comportamento dos homens de posses, que se ocupavam de futilidades e vaidades. Pois não eram formados para os valores e virtudes que apontavam para as mudanças em andamento na sociedade francesa. Entre elas, o trabalho como valor fundamental da constituição moral dos indivíduos e da própria sociedade. Em certa passagem do conto, quando os pais do marquês buscam um preceptor para encarregar-se de sua educação, Voltaire apresenta-nos a seguinte discussão:

*- Muito bem! – exclamou o preceptor. – Abafa-se o espírito das crianças sob esse amontoado de conhecimentos inúteis (...). Basta que o senhor marquês tenha bom gosto; compete aos artistas trabalharem para ele; eis por que há muita razão em dizer-se que as pessoas de qualidade (refiro-me as bastante ricas) sabem tudo sem nada ter aprendido, pois, com o tempo, são capazes de julgar todas as coisas que compreendam e pagam. (...)*

*- Madame observou muito bem que o grande objetivo do homem é triunfar na sociedade. (VOLTAIRE, 1995, p. 269-270)*

Pensar a educação é comum em momentos de crises e de reformas. Como as propostas ocorrem sempre marcadas pelo cenário político, também hoje é imprescindível analisar os discursos educacionais e situá-los no contexto das mudanças e transformações que ocorrem a cada momento na contemporaneidade. Para isso é vital aprender com Voltaire refletir e posicionar-se diante das inúmeras reviravoltas que o tempo nos prega, assim como ocorreu com Voltaire em sua época.

## Referências

GRAY, John. **Voltaire. Voltaire e o Iluminismo**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999. (Coleção Grandes Filósofos).

LEPAPE, P. **Voltaire. Nascimento dos intelectuais no Século das Luzes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LOPES, M. A. **Voltaire Político. Espelhos para príncipes de um novo tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Voltaire Historiador. Uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo**. Campinas: Papyrus, 2001.

SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história. O pensamento sobre a história no Iluminismo francês**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

VOLTAIRE. **Contos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre a história de Carlos XII**. In: Clássicos Jackson. XXXII. Voltaire. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1958. p. 3-7.

\_\_\_\_\_. **Tratado sobre a tolerância**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Introdução de René Pomeau.

\_\_\_\_\_. **Os Pensadores. XXIII**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. **Oeuvres Complètes de Voltaire. Tome Deuxième. Essai sur les moeurs – Siècle de Louis XIV, Siècle de Louis XV, Histoire du Parlement de Paris**. Edition du Journal Le Siècle. Paris: Aux Bureaux du Siècle, 1878.